

Os economistas não conseguem. Então Celso Furtado convida o público a organizar a economia.



"Não se deve levar muito a sério o que dizem os economistas. Muita coisa do que eles falam é pura fantasia. Eles organizam tão bem as palavras, enquadram com tamanha exatidão suas teorias que as fórmulas parecem a um leigo verdadeiras e científicas. Mas nós sabemos que não são. As discussões, apesar de propostas a um nível sério, não passam de fantasias. Organizadas."

Em poucas palavras o economista Celso Furtado desafia o Brasil a uma discussão séria. A um debate amplo sobre questões há muito ausentes do cardápio econômico. Essa é a proposta de seu livro *Fantasia Organizada* "dirigido a uma geração que não teve outra opção senão o vazio da alienação". Como um dos fundadores da Universidade de Brasília, Celso Furtado está preocupado com a juventude brasileira que, distante da própria história, passou a entender o progresso como uma manifestação do mal. Está cansado de ouvir dos jovens que a indústria veio para acabar com os homens, um raciocínio que poderia ter sido evitado caso o Brasil não estivesse sujeito a 20 anos de desinformação e mentira.

Em jogo, a história do Brasil que, atropelada pelos fatos, passou a ser sinônimo de equívocos. Mas, as disparidades, segundo Furtado, continuam presentes até mesmo na Nova República que de nova tem muito pouco na medida em que o consenso, necessário a qualquer programa de ajuste social, político ou econômico ainda parece distante. Prova disso está para Furtado nos constantes confrontos trazidos a público entre o ministro Dornelles, da Fazenda, e o ministro Sayad, do Planejamento. Foi diante dessa disparidade de opiniões que ele definiu o atual momento como sendo de perplexidade.

— Hoje em dia existem inúmeras perguntas que ninguém sabe responder. São questões elementares do tipo para que serve a indústria, que tipo de industrialização promover, qual a importância do planejamento, por que tipo de inserção internacional optar, qual o papel do comércio exterior na economia, a exportação é um fim ou um meio?

Essas são algumas perguntas para as quais Furtado buscou respostas. E encontrou na história, não muito distante. De volta aos anos 50, período em que o Brasil pela primeira vez realizou um amplo debate dos problemas nacionais com a participação de especialistas, políticos e outros segmentos sociais, o economista vislumbrou uma identidade de momentos. "Os anos 50 têm muito a ver com os anos 80, com a ressalva de que naquela época já havia respostas para todas essas perguntas. Isso é apaixonante.

Contra as discussões tópicas e a favor de um debate amplo, Furtado diz que a reversão do atual quadro caótico só será possível quando todo o Brasil for repensado. "Caso contrário não conseguiremos vencer mais este momento de perplexidade determinado pela ausência de respostas." Mais importante, contudo, é para Furtado que as perguntas passem a ser formuladas também pelos jovens que desinformados e mal formados se colocam cada vez mais à margem das grandes questões.

— Meu livro não tem outro intuito senão o de chamar os jovens para esse debate. O sinal está dado. Temos de repensar o Brasil a partir de suas raízes. Temos de vencer o descrédito e isso só será possível com a retomada da história e com uma nova mentalidade.

A *Fantasia Organizada* tem, no entanto, mais do que a força de um alerta. E, como o próprio autor define, um testemunho do grande debate dos anos 50 em torno do subdesenvolvimento, essa deformação social da qual se começava a tomar consciência. Celso Furtado insiste, portanto, que é chegado o momento da verdade que só poderá ser observada por meio de uma visão global da atualidade econômica, política e social do País. E, quanto a isso, ele não tem o menor constrangimento em dizer que os economistas estão equivocados, perdidos nos detalhes das grandes questões que fogem ao entendimento porque ainda não discutidas com a necessária amplitude de idéias.

— Em vez de discutirem o papel do Estado na economia, eles discutem quanto vão

cortar. Não têm a visão do do to-do. O problema está no se-do se-está no tes, mas preparar dos funcionários públicos. Faltou e falta ao Brasil planejamento nos investimentos públicos a serem feitos ou cortados. Os cortes, por sua vez, devem ser seletivos, o que não está acontecendo, pelo menos até agora. Mais importante é adequar, treinar as pessoas para serviços que o Estado se propõe a oferecer. O Brasil privilegiou demais os investimentos em detrimento dos serviços de saúde e educação. O resultado está sendo o caos e, sem uma visão global, não conseguiremos sair disso.

Mesmo se negando a falar sobre os problemas emergenciais do Brasil, considerados como "fragmentos operacionais", discurso preferido por outros economistas, Furtado diz que o diálogo proposto por Fidel Castro no tratamento da dívida externa dos países da América Latina está longe de se constituir um avanço. Pelo contrário, diz que tal proposta é mais um equívoco na medida em que a dívida externa desses países é um problema Norte-Sul e não uma confrontação Leste-Oeste como quer fazer crer Fidel Castro.

Acrescenta, por outro lado, que se estivesse no governo trataria a questão da dívida externa com outro "estilo", preservando a exemplo do Peru o nível de reserva com menor transferência dos recursos provenientes das exportações. Contudo, disse que infelizmente os economistas parecem mais preocupados com o imediatismo do resultado de algumas medidas do que com as grandes questões brasileiras.

— Nossa política econômica está fechada na discussão tópica. Em vez de perceber e definir os grandes problemas brasileiros, muitos economistas parecem mais preocupados em desvendar os truques da Bolsa do que discutir, por exemplo, o papel da taxa de câmbio na economia brasileira.

Salette Lemos